

O nível de estresse dos enfermeiros na unidade de terapia intensiva¹

The level of stress of nurses in the intensive care unit

El nivel de estrés de los enfermeros en la unidad de terapia intensiva

Andrea Zavalis;² Vanessa Galdino de Paula;³ Daniel Aragão Machado;⁴ Cristiano Bertolossi Marta;⁵ Eugenio Fuentes Perez Junior;⁶ Luiz Carlos Santiago⁷

Como citar este artigo:

Zavalis A, De Paula VG, Machado DA, Marta CB, Perez Junior EF, Santiago LC. O nível de estresse dos enfermeiros na unidade de terapia intensiva. RevFunCare Online. 2019 jan/mar; 11(1):205-210. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i1.205-210>

RESUMO

Objetivos: Verificar o nível de estresse nos enfermeiros que atuam em unidade de terapia intensiva e identificar as atividades do trabalho que são mais estressantes. **Método:** Estudo quantitativo, exploratório e descritivo, realizado em um Hospital Universitário da Cidade do Rio de Janeiro. Os participantes foram 25 enfermeiros que prestam assistência direta aos pacientes críticos na unidade de terapia intensiva. O instrumento utilizado na mensuração foi a Escala Bianchi de Stress. **Resultados:** A análise dos 51 itens relacionados às atividades de trabalho resultou em um nível baixo de estresse entre os profissionais de enfermagem. A análise dos domínios demonstrou nível médio de estresse referente às condições de trabalho para o desempenho do enfermeiro e assistência de enfermagem prestada ao paciente. **Conclusão:** Conclui-se que as condições de trabalho contribuem para um maior nível de estresse. Faz-se necessária realização de novas pesquisas acerca das condições de trabalho e suas relações com o estresse. **Descritores:** Estresse profissional, Condições de trabalho, Unidade de terapia intensiva.

ABSTRACT

Objectives: The study's purpose has been to verify the stress level of nurses who work in an intensive care unit, and also to identify working activities that are more stressful. **Methods:** It is a descriptive-exploratory study with a quantitative approach, which was performed at a

- 1 Monografia: O nível de estresse dos enfermeiros na unidade de terapia intensiva, 2017, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- 2 Enfermeira. Pós-graduada em Terapia Intensiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Residente de Enfermagem em Terapia Intensiva do Hospital Universitário Pedro Ernesto/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (HUPE/UERJ).
- 3 Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professora Assistente do Departamento de Enfermagem Médico Cirúrgica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atuando na Área Crítica.
- 4 Enfermeiro. Doutor em Biociências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor do Departamento de Enfermagem Fundamental na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP/UNIRIO).
- 5 Enfermeiro. Pós-doutor pela Escola de Enfermagem Aurora Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense (EAAAC/UFF). Professor Adjunto do Departamento de Fundamentos de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DFEN/FENF/UERJ).
- 6 Enfermeiro. Mestre em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Assistente da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
- 7 Enfermeiro. Pós-doutor em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de São Paulo (USP). Professor Associado Nível 3 da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

University Hospital from the *Rio de Janeiro* city. The study participants were 25 nurses who provide direct care to critically ill patients in the intensive care unit. The instrument used in the measurement was the Bianchi Stress Scale. **Results:** The analysis of 51 items related to work activities resulted in a low level of stress among nursing professionals. The analysis of the domains showed middle stress levels related to the nurse's working conditions and the nursing care provided to patients. **Conclusion:** Therefore, working conditions contribute to a higher level of stress. It is necessary to carry out new research on working conditions and their relations with stress.

Descriptors: Occupational stress, working conditions, intensive care unit.

RESUMEN

Objetivos: Verificar el nivel de estrés en los enfermeros que actúan en unidad de terapia intensiva, e identificar las actividades del trabajo que son más estresantes. **Métodos:** Estudio cuantitativo, exploratorio y descriptivo, realizado en un Hospital Universitario de la ciudad de *Rio de Janeiro*. Los participantes fueron 25 enfermeros que prestan asistencia directa a los pacientes críticos en la unidad de terapia intensiva. El instrumento utilizado en la medición fue la Escala Bianchi de Stress. **Resultados:** El análisis de los 51 ítems relacionados con las actividades de trabajo resultó en un nivel bajo de estrés, entre los profesionales de enfermería. El análisis de los dominios demostró nivel medio de estrés referente a las condiciones de trabajo para el desempeño del enfermero y asistencia de enfermería prestada al paciente.

Conclusión: Se concluye que las condiciones de trabajo contribuyen a un mayor nivel de estrés. Se hace necesaria la realización de nuevas investigaciones acerca de las condiciones de trabajo y sus relaciones con el estrés.

Descriptor: Estrés profesional, condiciones de trabajo, unidad de terapia intensiva.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objeto o estresse nos enfermeiros que trabalham em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Na atualidade, o estresse é considerado como um dos principais problemas de saúde decorrente do mundo globalizado e capitalista. Trata-se de uma epidemia global, que acomete aproximadamente 90% da população.¹

As transformações ocorridas no mundo do trabalho em saúde, nos últimos séculos, ao lado de grandes avanços tecnológicos e benefícios para a população, resultaram em um ambiente de prática com altos índices de estresse emocional, sendo a Enfermagem, considerada uma das profissões mais estressantes há 50 anos.²

Particularmente, estudos realizados nas unidades de terapias intensivas demonstram que os profissionais de enfermagem que atuam nesses ambientes enfrentam elevados níveis de estresse. Existe uma relação muito próxima entre a exposição diária a fatores estressores relacionados ao ambiente desgastante e cansativo e o estresse. No entanto, ressalta-se que, além dos fatores ambientais, estão também presentes os relacionados a gravidade do paciente, a rapidez na tomada de decisões, a assistência permanente e especializada, a alta complexidade tecnológica e rotinas exigentes.²⁻⁶

Ao se considerar que os efeitos do estresse sob o indivíduo estão diretamente relacionados ao tempo de exposição e intensidade dos fatores estressores, verifica-se que a cronicidade do estado de estresse pode diminuir as funções cognitivas do indivíduo e, aliado a constantes eventos cotidianos, causam irritação, além de influenciar negativamente os processos assistenciais, a memória e a atenção.^{7,8}

Os profissionais que desenvolvem suas atividades em UTI convivem diariamente com condições relacionadas ao processo de trabalho que podem apresentar-se como fatores estressores. Entende-se por fator estressor, o estímulo que inicia uma reação estressante, podendo trazer benefícios ou danos que causem emoções ao indivíduo.⁹

Para Hans Selye, o estresse era um termo usado na física para descrever tensão ou força colocada em determinado objeto para dobrá-lo ou quebrá-lo, porém, fisiologicamente, o estresse é definido como os reflexos expressados pelo corpo humano em reação aos estímulos externos, sejam eles positivos ou negativos.¹⁰

No âmbito do trabalho, o estresse é denominado estresse ocupacional, definido como um estado em que ocorre desgaste anormal do organismo humano e/ou diminuição da capacidade de trabalho, devido basicamente à incapacidade prolongada de o indivíduo tolerar, superar ou se adaptar às exigências de natureza psíquica existentes em seu ambiente de trabalho ou de vida.¹¹

Sabe-se que o estresse possui três perspectivas: a ambiental, a psicológica e a biológica. A ambiental trata o estresse como uma característica de estímulo, como uma carga. A psicológica enfatiza a interação dinâmica entre o indivíduo e o meio e na avaliação subjetiva do estresse, que é feita pelo indivíduo. A biológica aborda uma resposta fisiológica não específica, ou seja, como uma síndrome que consiste em todas as alterações fisiológicas que ocorrem no sistema biológico quando este é afetado por um estímulo, ou por uma carga excessiva ou nociva.¹²

Todas estas perspectivas são integrantes no cotidiano do trabalho em enfermagem e, de alguma forma interferem na saúde do profissional e na qualidade da assistência prestada.

Ao se considerar que, durante a execução do trabalho em unidades de terapia intensiva, o profissional de enfermagem encontra-se exposto a fatores estressores relacionados ao ambiente e à própria natureza do serviço que exige do profissional alta demanda física e mental, há a probabilidade do desenvolvimento de estresse ocupacional, acarretando diminuição das funções cognitivas, perda de memória e irritação, interferindo na saúde do trabalhador e na qualidade do serviço prestado, colocando não só a própria vida em risco, mas também as de quem ele cuida.

Objetivos:

1. verificar o nível de estresse de enfermeiros que atuam em UTI;
2. identificar as atividades do trabalho que são mais estressantes nos enfermeiros que atuam em UTI.

MÉTODO

Estudo quantitativo, descritivo e exploratório, no qual os investigadores buscaram identificar os níveis de estresse existentes nos enfermeiros de UTI e as atividades mais afetadas pelo estresse dos profissionais em um Hospital Universitário da Cidade do Rio de Janeiro.

Participaram da pesquisa 12 enfermeiros plantonistas de uma UTI e 13 residentes de terapia intensiva, dessa mesma unidade, de 1º e 2º ano que atuam na assistência direta aos

pacientes críticos, no período de 10/02/2017 a 25/04/2017. Foi respeitada a Resolução n.466/2012 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa com a aprovação pelo CEP-HUPESob protocolo número CAAE 64133916.1.0000.5259.

Foram inclusos os enfermeiros plantonistas de unidade de terapia intensiva e residentes de terapia intensiva de 1º e 2º ano que atuam na assistência direta aos pacientes críticos. Foram excluídos os enfermeiros que atuam somente em serviços administrativos, uma vez que não realizam cuidados diretos aos pacientes, aqueles que estiveram de férias ou licença-médica, os que recusaram a participação no estudo e os técnicos e os auxiliares de enfermagem.

Na coleta de dado, foi utilizada a Escala Bianchi de Stress (EBS), construída para avaliar o nível de estresse do enfermeiro hospitalar no desempenho básico de suas atividades. O instrumento é autoaplicável, composto por duas partes, sendo a primeira referente aos dados sociodemográficos e a segunda contendo 51 itens, relacionados a mensuração do estresse, divididas em seis domínios: (1) relacionamento com outras unidades e supervisores (itens 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51); (2) atividades relacionadas ao funcionamento adequado da unidade (itens: 1, 2, 3, 4, 5, 6); (3) atividades relacionadas à administração de pessoal (itens: 7, 8, 9, 12, 13, 14); (4) assistência de enfermagem prestada ao paciente (itens: 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30); (5) coordenação das atividades da unidade (itens: 10, 11, 15, 31, 32, 38, 39, 47); (6) condições de trabalho para o desempenho das atividades do enfermeiro (itens: 33, 34, 35, 36, 37, 48, 49). Esses domínios recebem uma pontuação com variação de 1 a 7. Com a aplicação do instrumento, pode-se verificar o domínio mais estressante para o grupo de enfermeiros e para cada indivíduo, assim como avaliar as atividades mais estressantes naquele setor.¹³

Os dados foram alocados em um banco de dados, em uma planilha eletrônica no programa *Microsoft Office Excel*® (*Office 2007*) e analisados com o *Software Statistical Package for the Social Sciences*® - *free* (PSPP) - versão 0.10.2.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização da população do estudo

A população do estudo é composta pela totalidade de enfermeiros alocados na unidade, correspondendo a 27 enfermeiros. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos 2 participantes por estarem afastados do serviço. Assim, participaram do estudo 25 enfermeiros.

A população caracterizou-se por ser composta, em sua maioria, de mulheres (92%), com faixa etária entre os 20 a 30 anos (56%). No que diz respeito ao tempo de formado, tem-se um percentual de 40% da população com menos de 1 ano, seguido-se de 28% da população na faixa de 6 a 10 anos de formado. Em relação ao tempo de serviço na UTI, verifica-se que 36% encontra-se com menos de 1 ano de trabalho referida nessa unidade.

Tem-se que 44% da população possuem curso de pós-graduação (especialização), e destes somente 2 sujeitos não o possuem na área de terapia intensiva, e somente 1 sujeito

possui mestrado e doutorado. Devido ao Hospital estudado ser universitário, percebe-se que a maioria da população, 56%, ainda não possui curso de pós-graduação, pois ainda estão em qualificação.

Entre os enfermeiros entrevistados, 48% são enfermeiros plantonistas e 52%, enfermeiros residentes, visto que o Hospital abordado possui um programa de enfermagem em terapia intensiva nos moldes da residência.

Escore de estresse dos enfermeiros

Em relação à variável idade, ao analisar os enfermeiros pertencentes à faixa etária entre 20 e 30 anos, percebeu-se que eles apresentam uma média de escore de estresse (2,78) inferior à maioria das outras faixas etárias.

Com relação ao tempo de formado, os que possuem menos de 1 ano de formação apresentam uma média de escore de estresse (2,55) menor do que os que possuem mais tempo de formado. Já na variável de pós-graduação, percebeu-se que quem possui pelo menos uma pós-graduação apresenta maior média de escore de estresse (3,2) do que quem não possui pós-graduação (2,64).

A variável tempo de serviço no setor demonstrou maior média de escore de estresse para aqueles profissionais que possuem mais de um ano de serviço (3,44).

Na tabela 1, encontra-se o escore total e para cada domínio de cada enfermeiro, onde mostra a intensidade dos estressores para um grupo particular de enfermeiros.

Tabela 1 - Escore total e escore de estresse de cada enfermeiro por domínio. Rio de Janeiro/RJ, 2017.

SUJEITO	PONTOS	ESCORE	ESCORE PARA CADA DOMÍNIO					
			A	B	C	D	E	F
01	178	3,49	4,7	3,33	2,16	2,86	4,25	3,57
02	159	3,11	3,44	1,66	4,33	2,6	3,5	3,57
03	70	1,37	2	4	2,33	2,2	0,87	2,14
04	112	2,19	2,66	1,83	1	2,8	1,62	2,28
05	122	2,39	2,6	3,83	2	1,73	1,62	3,28
06	119	2,33	3,66	0	0,5	2,66	2,75	3
07	244	4,78	4,44	3,66	6	4,13	5,87	5,28
08	111	2,17	1,1	0,5	2,3	2,53	2,5	3,71
09	202	3,96	2,66	5,33	3,33	4,73	2,37	3,85
10	195	3,82	4,5	1,16	4,16	4,93	3,25	3,14
11	182	3,56	3,22	5	3,5	4,5	1,37	3,2
12	160	3,13	2,77	2,16	2,83	4	2,5	2,7
13	222	4,35	5,44	5	3,5	4,46	5,4	4
14	230	4,5	4,2	6,5	3,66	3,8	5	5,1
15	155	3	2,44	2,33	4,6	1,4	3,12	5,71
16	143	2,8	2,4	1,8	4,66	2,4	3,12	3
17	87	1,7	0,44	1	2,33	1,93	2,25	2,28
18	87	1,7	0,66	3,5	0	2,13	1,25	2,57
19	143	2,8	2	3	0	3,86	2,37	4,28
20	170	3,33	0,2	2,5	4,33	4,26	3	3,28
21	76	1,49	1,88	0	0	2,46	0,25	3,42
22	117	2,29	1,66	2,33	0,66	3,46	2,25	2,42
23	208	4,07	3,66	4,33	4,33	2,4	4,12	4,28
24	126	2,47	3,66	2	1,66	1,9	2,37	3,71
25	205	4,01	3,66	4,83	4	4	3,12	4,42
MÉDIA DO ESCORE TOTAL	-	2,99	2,8	2,86	2,7	3,1	2,82	3,66

Fonte: Zavalis, 2017

Na escala Bianchi de *stress*, o estresse total pode sofrer uma variação de 51 a 357 pontos, o total de pontos assinalados demonstra o nível de estresse do enfermeiro. O escore médio de cada item pode ser útil para descrever a intensidade dos estressores. Para se obter o escore médio para um determinado grupo, divide-se o total real do estressor pelo número de respondentes que assinalaram valores diferentes de 0 naquele item. O valor resultante será a média real para cada estressor (item)(varia entre de 0 a 7). Já com a soma dos escores dos itens componentes de cada domínio e o resultado dividido pelo número de itens, obtém-se o escore médio de cada domínio, sendo a variação dos escores dos domínios também é de 1,0 a 7,0.¹³

Nesse estudo, encontrou-se um escore total de 2,99. Os níveis obtidos são classificados em baixo (até 3,0), médio (de 3,1 a 4,0), alerta (de 4,1 a 5,9) e alto (acima de 6,0). Portanto, os enfermeiros participantes desta pesquisa possuem nível baixo de estresse, porém perto do nível médio de estresse (Tabela 2).

Tabela 2 - Níveis de estresse dos enfermeiros de unidades de terapia intensiva de acordo com o escore total da Escala Bianchi de *Stress* (n=25). Rio de Janeiro/RJ, 2017.

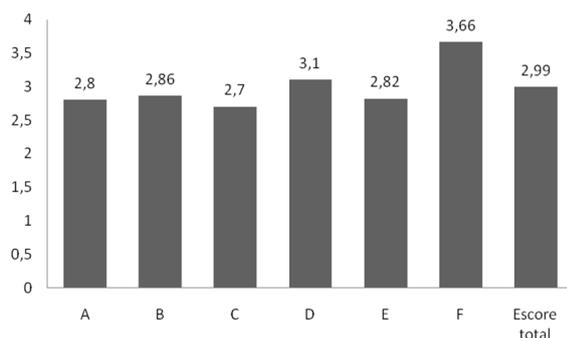
Nível de estresse	N(%)
Baixo	13 (52%)
Médio	8 (32%)
Alerta	4 (16%)
Alto	0

Fonte: Zavalis, 2017

Dentre o escore para cada domínio, o que demonstrou o maior nível de estresse foi o domínio F (Condições de trabalho para o desempenho do enfermeiro) com um escore de 3,66, seguido do domínio D (Assistência de enfermagem prestada ao paciente) com escore de 3,13; domínio B (Atividades relacionadas ao funcionamento adequado da unidade) com escore de 2,86; domínio E (Coordenação das atividades da unidade) com escore de 2,82; domínio A (Relacionamento com outras unidades e supervisores) com escore de 2,8; e domínio C (Atividades relacionadas à administração de pessoal) com um escore de 2,73.

A análise da pontuação atribuída pelos participantes do estudo demonstrou o nível de estresse para cada domínio, que, em ordem decrescente, apresenta o domínio F>D>B>E>A>C. Tal constatação indica que, na avaliação dos enfermeiros da UTI, as condições de trabalho contribuem para um maior nível de estresse, posto que foi atribuído, em média, o maior valor conforme demonstrado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Escore para cada domínio e total. Rio de Janeiro/RJ, 2017.



Fonte: Zavalis, 2017

Ao analisar o nível de estresse relacionado a cada uma das atividades, independentemente da área a qual pertenciam, as consideradas como as mais estressantes, levando em consideração valores maiores que 4 pontos, foram: “Controlar a equipe de enfermagem” (4,38) – Domínio C; “Controlar a qualidade do cuidado” (5,16) e “Coordenar as atividades da unidade” (4,31) – Domínio E; “Admitir o paciente na unidade” (4,31), “Atender as emergências na unidade” (4,6) e “Enfrentar a morte do paciente” (5) – Domínio D; “Relacionamento com farmácia” (4,9) – Domínio A; “Nível de barulho na unidade” (5,24), “Realizar atividades burocráticas” (4,92) e “Realizar tarefas com tempo mínimo disponível” (6,12) – Domínio F.

Por meio desses resultados, a discussão será voltada nos três domínios que obtiveram maiores escores de estresse. São: Domínio F, condições de trabalho para o desempenho das atividades do enfermeiro; Domínio D, assistência de enfermagem prestada ao paciente; e Domínio B, atividades relacionadas ao funcionamento adequado da unidade.

A análise dos dados sociodemográficos da amostra do estudo revelou predomínio do sexo feminino com 92%. A relação da maioria feminina na força de trabalho de enfermagem é histórica, e os dados do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), em 2013, corroboram o achado do estudo e descrevem que no Estado do Rio de Janeiro, 82,3% dos profissionais de enfermagem são mulheres e, no Brasil, essa proporção é de 85,1%.^{12,14} Nesse contexto, é relevante a questão da ambiguidade de papéis desempenhada pelas mulheres profissionais de enfermagem que, desenvolvem múltiplas atividades, com o gerenciamento de dupla jornada entre vida familiar e profissional, o que pode favorecer desgaste e consequentemente o estresse.¹⁵

Em relação à idade dos participantes da pesquisa, a faixa etária em que a maioria se encontra é a de 20 a 30 anos (56%), o que equivale aos dados apresentados pelo COFEN em 2013, nos quais mais de 16,8% dos profissionais de enfermagem do Estado do Rio de Janeiro se encontram nessa faixa etária e, do Brasil, mais de 17,7%.¹⁴

Com relação à idade e ao tempo de formado, observa-se que os profissionais mais jovens apresentam mais resistência ao ambiente de trabalho estressante, como as unidades de terapia intensivas, diferente dos profissionais mais velhos que, natural da idade, se associa ao maior risco de problemas laborais como o estresse.¹³

Nessa pesquisa, o grupo de faixa etária menor (20 a 30 anos) e, com menor tempo de formado (menos de um ano) possui nível de estresse baixo, comparado com aqueles de maior idade e tempo de formado. O que se contrapõe ao descrito em alguns estudos que apontam que um longo período de tempo propicia maior adequação ao ambiente, mais segurança em relação às atividades e menor estresse.¹⁵⁻⁷

Percebeu-se que 56% da amostra não possuía pós-graduação, o que vai de encontro aos dados do COFEN de 2013, que mostra que somente 16,4% dos enfermeiros do Estado do Rio de Janeiro não possuem pós-graduação e que 80,6% possuem.¹⁴

Estudos demonstram que o profissional que possui pós-graduação apresentou índices maiores de estresse.¹⁶⁻⁷ Essa constatação vai ao encontro desta pesquisa que apresenta que os enfermeiros que possuíam pós-graduação tinham

maior nível de estresse comparado com os profissionais somente graduados.

O nível de estresse do grupo de enfermeiros pesquisados apresentou-se baixa, com um escore médio de 2,99, segunda classificação adota por Bianchi. Mas, cabe ressaltar que, embora a média aferida apresente um nível baixo de estresse, 48% da população apresentam níveis médio e de alerta de estresse conforme demonstrado na Tabela 2.

Ao analisar as atividades que produzem maior nível de estresse nos enfermeiros, destaca-se as relacionadas ao domínio F da Escala de Bianchi, que trata das condições de trabalho, visto que foi o domínio em que a média de escore de estresse teve sua maior pontuação (3,66). Nesse domínio, as atividades que tiveram maior pontuação aferida pelos participantes e, portanto, as relacionadas ao maior nível de estresse, foram realizar tarefas com tempo mínimo disponíveis (6,12), nível de barulho na unidade (5,24) e realizar atividades burocráticas (4,92).

As atividades do domínio F que atuam como fatores estressores aos profissionais de enfermagem da UTI estão relacionadas as condições de trabalho e, nesse aspecto, os resultados reafirmam que a estrutura precária dos hospitais públicos e as condições inadequadas de trabalho acabam por gerar mais sofrimento que prazer no trabalho, favorecendo o desenvolvimento do estresse entre os enfermeiros.¹

No que diz respeito às condições de trabalho, estudos apresentam que o ambiente físico e o tempo mínimo para a realização da assistência de enfermagem apresentam-se como determinantes na carga de trabalho do enfermeiro.¹⁸⁻⁹

Sabe-se que a UTI possui uma grande incorporação de tecnologias de monitorização à beira leito, o que implica um elevado número de estímulos sonoros de alarmes disparados por equipamentos médicos assistenciais (EMA), que são indispensáveis no alerta das alterações clínicas do paciente, mas que se tornaram um problema amplamente discutido e pesquisado internacionalmente há mais de uma década.²⁰

Devido aos constantes ruídos gerados pelos alarmes existentes na UTI, autores mostram que os profissionais de saúde acabam ficando irritadiços, estressados, cansados, com redução nos níveis de atenção, fadiga, cefaleia, contraturas musculares, elevação da pressão arterial e frequência cardíaca e piora da qualidade do sono.²¹⁻³

Em relação à atividade “realizar atividades burocráticas”, um estudo aponta que desenvolver atividades assistenciais e gerenciais ao mesmo tempo é uma situação *sinequa non* do enfermeiro, pois atividades gerenciais exigem tomada de decisão e resolução de problemas que surgem na emergência, o que leva ao desgaste e sofrimento psicoemocional, uma vez que o trabalho assistencial já é percebido como desgastante.²⁴

Na área assistência de enfermagem prestada ao paciente – domínio D –, os enfermeiros obtiveram um escore médio de 3,1 pontos, o que indica médio nível de estresse. Dentro dessa área, as atividades com maior escore foram: “enfrentar a morte do paciente” (5,0), “atender as emergências na unidade” (4,6) e “admitir paciente na unidade” (4,31).

Entende-se esse domínio ter um nível de estresse médio, pois o paciente crítico é muita das vezes crônico e com múltiplas comorbidades, além disso, a atuação da enfermagem

junto a pacientes críticos é considerada desgastante e fazer parte desse cotidiano torna o enfermeiro susceptível ao estresse.²⁵

Estudos comprovam que o ambiente da UTI é caracterizado por trabalho que envolve forte carga emocional, na qual a vida e a morte se misturam, ainda mais quando há a proximidade e o envolvimento mantidos durante o período de internação, com o paciente e seus familiares, o óbito daquele exacerba os sentimentos de impotência, frustração e até mesmo de projeção do sofrimento no enfermeiro.²⁶⁻⁷

Em relação ao atendimento às situações emergenciais na unidade e também de admitir o paciente, o estresse advém da luta contra o tempo, uma vez que a tomada de decisão rápida e precisa associada à disponibilidade de recursos e agilidade da equipe pressupõe a diferença entre a vida e a morte das pessoas.²⁷

Considerar os níveis de estresse e atividades estressoras, relacionadas ao funcionamento adequado da unidade – domínio B –, sugere acúmulo de atribuições gerenciais aos enfermeiros assistenciais, e, isso se deve a crise nos serviços de saúde, principalmente se tratando de uma instituição pública, com número reduzido de profissionais, materiais e equipamentos, notadamente no contexto dos profissionais de enfermagem.²⁵

A atividade com maior nível de estresse desse domínio foi o controle de equipamento (3,95), o que é esperado, pois a escassez dos recursos materiais para o desenvolvimento do trabalho provoca o imprevisto e a procura por materiais em outros setores, o que pode gerar cansaço físico e mental pelo tempo despendido.²⁴

CONCLUSÃO

O nível de estresse dos enfermeiros, pesquisados, da UTI em questão foi considerado baixo, com um escore de 2,99 pontos.

Certificou-se também, que o domínio mais estressante foi a de condições de trabalho (F), com um nível de estresse médio (3,66 pontos) tendo as atividades com maior nível de estresse a de realizar tarefas com tempo mínimo, o nível de barulho na unidade, e realizar atividades burocráticas com níveis altos e alerta de estresse (6,12 pontos; 5,24 pontos; 4,92 respectivamente); seguida do domínio D – assistência de enfermagem prestada ao paciente –, com nível de estresse médio (3,1 pontos), tendo as atividades com maior nível de estresse a de admitir paciente na unidade (4,31 pontos), de atender as emergências na unidade (4,62 pontos) e, de enfrentar a morte do paciente (5,0 pontos); e o domínio B – atividades relacionadas ao funcionamento adequado da unidade, com nível baixo de estresse (2,86 pontos), tendo a atividade mais estressante o de controle de equipamento (3,95 pontos).

Como limitação, o estudo apresenta baixo poder de generalização, por tratar-se de estudo local com número e característica dos participantes bem específico.

Assim, recomenda-se a realização de novas pesquisas com maior abrangência acerca das condições de trabalho e suas relações com o estresse, contribuindo para a saúde do trabalhador e para a qualidade do cuidado prestado por este profissional.

REFERÊNCIAS

- Versa GLGS, Murasaki ACY, Inoue KC, Melo WA, Faller JW, Matsuda LM. *Estresse ocupacional: avaliação de enfermeiros intensivistas que atuam no período noturno*. Rev. Gaúcha Enferm. [internet]; 2012;33(2):78-85 [acesso em: 02 Ago 2016]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000200012&lng=en&nrm=iso&tng=pt.
- Andolhe R, Barbosa RL, Oliveira EM, Costa ALS, Padilha KG. Estresse, coping e burnout da Equipe de Enfermagem de Unidades de Terapia Intensiva: fatores associados. Rev. esc. enferm. USP [internet]; 2015;49(spe):58-64, [acesso em: 15 Jul 2016]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420150000700009>.
- Rodrigues VMCP, Ferreira ASS. Stressors in nurses working in Intensive Care Units. Rev. Latino-Am. Enfermagem [internet]; 2011;19(4):1025-1032 [acesso em: 31 Jul 2016]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000400023>.
- Preto VA, Pedrao LJ. O estresse entre enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva. Rev. esc. enferm. USP [internet]; 2009;43(4):841-848 [acesso em: 17 Jul 2016]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000400015>.
- Rosa BÂ, Rodrigues RCM, Gallani MCBJ, Spana TM, Pereira CGS. Estressores em Unidade de Terapia Intensiva: versão brasileira do The Environmental Stressor Questionnaire. Rev. esc. enferm. USP (São Paulo). 2010;44(3):627-635 [acesso em: 31 Jul 2016]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000300011&lng=en&nrm=iso.
- Rodrigues DP, Athanázio AR, Cortez EA, Teixeira ER, Alves VH. Estresse na unidade de terapia intensiva: revisão integrativa. Ver. Enferm. UFPE online. (Recife). 2013;7(esp):4217-26.
- Baptista MN, Rueda FJM, Sisto FF. Relação entre estresse laboral e atenção concentrada. Revista de Psicologia [internet]; 2007; 11(16) [acesso em: 15 Jul 2016]. Disponível em: <http://pgskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/viewFile/2560/2444>.
- Paschoalini B, Oliveira MM, Frigério MC, Dias ALRP, Santos FH. Efeitos cognitivos e emocionais do estresse ocupacional em profissionais de enfermagem. Acta Paul Enferm [internet]; 2008; 21(3):487-92 [acesso em: 24 Jul 2016]. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ape/v21n3/pt_17.pdf.
- Cunha NC, Palmieri TMR, Cunha TNB, Cunha NB. Estresse dentro das organizações de trabalho. Getec [internet]; 2016; 5(9):1-17 [acesso em: 05 Set 2016]. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/getec/article/view/771/552>.
- Junior TCC, Souza LAS. Relação entre o estresse e o condicionamento físico em policiais militares da paraíba. Revista Campo do Saber [internet]; 2016; 2(1). [acesso em 04 Ago 2017]; ISSN 2447-5017. Disponível em: <http://periodicos.iesp.edu.br/index.php/campodosaber/article/view/29/29>.
- Ferrareze MVG, Ferreira V, Carvalho AMP. Percepção do estresse entre enfermeiros que atuam em Terapia Intensiva. Acta paul. enferm. [internet]; 2006;19(3):310-315 [acesso em: 20 Jul 2016]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002006000300009>.
- Zavalis A, Vianna LAM, Velasque LS, Schutz V, Machado DA. A influência dos fatores estressores sobre os níveis de atenção de profissionais de enfermagem. Rev. pesqui. cuid. fundam. (Online) [internet]; 2015; 7(4):3375-3387, [acesso em: 10 Mai 2016]. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4523/pdf_1724.
- Bianchi ERF. Escala Bianchi de Stress. Rev. esc. enferm. USP [internet]; 2009;43(n.spe):1055-1062 [acesso em: 02 Ago 2015]. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342009000500009>.
- COFEN. Perfil da enfermagem no Brasil. FIOCRUZ, COFEN; 2013. Rio de Janeiro (Brasil), 2013 [acesso em: 06 Jun 2017]. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/pdfs/ap_rj.pdf.
- Linch GFC, Guido LA. Estresse de enfermeiros em unidade de hemodinâmica no Rio Grande do Sul, Brasil. Rev. Gaúcha Enferm. (Online) [Internet]; 2011 Mar [acesso em: 06 Jun 2017]; 32(1):63-71. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472011000100008&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472011000100008>.
- Guido LA, Linch GFC, Pitthan LO, Umann J. Estresse, coping e estado de saúde entre enfermeiros hospitalares. Rev. esc. enferm. USP [Internet]; 2011 Dec [acesso em: 06 Jun 2017]; 45(6):1434-1439. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000600012&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000600012>.
- Kirrhof RS, Oshôa LM, Bublitz S, Lopes LFD, Squiavenato MCA. Nível de estresse entre enfermeiros de um hospital filantrópico de médio porte. Rev Enferm UFMS [internet]; 2016 Jan/Mar; 6(1):29-39 [acesso 06 Jun 2017]. Disponível em: [file:///C:/Users/Andrea/Downloads/17829-102773-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Andrea/Downloads/17829-102773-1-PB%20(1).pdf).
- Menzani G, Bianchi ERF. Stress dos enfermeiros de pronto socorro dos hospitais brasileiros. Rev. Eletr. Enf. [Internet]; 2009;11(2):327-33 [acesso em: 06 Jun 2017]. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n2/v11n2a13.htm>.
- Batista KM, Bianchi ERF. Estresse do enfermeiro em unidade de emergência. Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]; 2006 Aug [acesso em: 06 Jun 2017]; 14(4): 534-539. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000400010&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692006000400010>.
- Bridi AC, Silva RCL, Farias CCP, Franco AS, Santos VLQ. Tempo estímulo-resposta da equipe de saúde aos alarmes de monitorização na terapia intensiva: implicações para a segurança do paciente grave. Rev. bras. ter. intensiva [Internet]; 2014 Mar [acesso em: 23 Mai 2016]; 26(1):28-35. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-507X2010000400010.
- Neto RAS, Mesquita FOS, Junior MDSP, Ramos FF, Andrade FMD, Junior MAVC. Ruídos na unidade de terapia intensiva: quantificação e percepção dos profissionais de saúde. Rev. bras. ter. intensiva [internet]. (São Paulo). 2010; 22(4) [acesso em: 10 Mai 2016]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-507X2010000400010.
- Oliveira EB, Lisboa MTL. Exposição ao ruído tecnológico em cti: estratégias coletivas de defesa dos trabalhadores de enfermagem. Esc Anna Nery Rev Enferm [internet]. 2009; 13(1):24-30 [acesso em: 28 Abr 2016]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n1/v13n1a04.pdf>.
- Pereira CA, Miranda LCS, Passos JP. O Estresse ocupacional da equipe de enfermagem em setor fechado. Rev. de Pesq.: cuidado é fundamental Online 2009 [internet]. 1(2):196-202 [acesso em: 28 Abr 2016]. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/346/331>.
- Fonseca JRF, Neto DL. Níveis de estresse ocupacional e atividades estressoras em enfermeiros de unidades de emergência. Rev Rene. [internet]. 2014 Set-Out; 15(5):732-42 [acesso em: 06 Jun 2017]. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/11275/1/2014_art_jrffonseca.pdf.
- Cavalheiro AM, Junior DFM, Lopes AC. Estresse de enfermeiros com atuação em unidade de terapia intensiva. Rev Latino-am Enfermagem [internet]; 2008 Jan-Fev; 16(1) [acesso em: 28 Ago 2016]. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v16n1/pt_04.pdf.
- Santos FD, Cunha MHE, Robazzi MLCC, Pedrão LJ, Silva LA, Terra FS. O estresse do enfermeiro nas unidades de terapia intensiva adulto: uma revisão da literatura. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.) [internet] (Ribeirão Preto). 2010;6(1):1-16 [acesso em: 06 Jun 2017]. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762010000100014&lng=pt&nrm=iso.
- Inoue KC, Versa GLGS, Murasaki ACY, Melo WA, Matsuda LM. Estresse ocupacional em enfermeiros intensivistas que prestam cuidados diretos ao paciente crítico. Rev Bras Enferm. 2013 Set-Out; 66(5):722-9 [acesso em: 06 Jun 2017]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000500013.

Recebido em: 11/11/2017

Revisões requeridas: Não houve

Aprovado em: 19/01/2018

Publicado em: 01/01/2019

Autora responsável pela correspondência:

Andrea Zavalis

Av. Prefeito Dulcídio Cardoso, 2500

Barra, bl. 5ap. 1102

CEP: 22.631-051

E-mail: deazavalis@gmail.com